

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ
“AMAZÔNIA(S) E ÁFRICA(S): CONEXÕES ECONÔMICAS, POLÍTICAS E
SOCIOCULTURAIS”

Manuel Henriques Matine¹

José Gil Vicente²

“Ninguém nasce odiando o outro pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar” (Nelson Mandela, 1995).

Como nota introdutória para a apresentação do presente dossiê temático, decidimos – a par de recuperar a crítica de Mandela sobre o racismo e intolerância – referenciar três dimensões que explicam a pertinência de interconexões acadêmicas entre a/as Amazônia(s) e a/as África(s), designadamente: a) dimensão sociocultural; b) acadêmica e c) político-econômica. A ideia surgiu de debates registrados durante a preparação do dossiê entre os organizadores com a Direção da Revista, cujo consenso foi de a temática atender dimensões que possam atingir maior grupo de cientistas sociais. Chegando a este momento de publicação do dossiê percebemos que a decisão impactou, quer na demanda dos artigos recebidos, quer na multiplicidade de temáticas e mesmo na seleção dos trabalhos finais que compõem o presente dossiê temático.

Atualmente tem ganhado destaque político – com alguma repercussão acadêmica – a temática sobre “dívida histórica” ou necessidade de “reparo histórico” de Portugal devido ao seu passado colonial. Contudo, em parte, a atualidade desta temática pode ser justificada por diversas formas de (r)existência dos movimentos/grupos socioculturais que representam assumidamente ou não, a diáspora africana. Portanto, sem pretendermos entrar em debates políticos por nos parecerem “conjunturais”, o presente dossiê temático, baseando-se em fundamentos

¹ Doutor em História, pela UFRGS-POA/Brasil, professor do Departamento de História da Universidade Pedagógica de Maputo (UPM)/Moçambique e pesquisador do Centro de Estudos do Vale do Limpopo (CEVALI). E-mail: mhmatine10@gmail.com e ORCID-ID: <https://orcid.org/0000-0003-3112-4236>.

² Pós-Doutor em Políticas Públicas e Governança na Educação, Doutor em Ciências de Educação, pela Università di Roma Tor Vergata, professor-adjunto do ICET e professor-permanente do PPGS na UFAM e pesquisador do PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: jgilvicente@ufam.edu.br e ORCID-ID: <https://orcid.org/0000-0003-3074-7028>.

acadêmicos mobilizou de forma “estruturante” as experiências socioculturais para, a partir das quais, tecer complexas rede de interconexões entre a/as Amazônia(s) e a/as África(s).

Os estudos em Ciências Sociais e Humanas, em particular no campo da Antropologia e História, situam os primeiros contactos políticos, económicos e socioculturais entre os povos ameríndios – índios da Amazônia –; europeus – brancos colonizadores – e africanos – negros escravizados, em finais do século XVI. Os dados e informações representativos sobre a provável origem dos negros, em regiões de atual Angola; Guiné-Bissau e Moçambique, podem ser consultados nos arquivos da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão (1755-1778). A par desse registro, considera-se válida a dispersa documentação dos negreiros clandestinos e a Fonte oral.

Apesar dos argumentos que explicam o tráfico transatlântico para a Grande Amazônia dividirem posicionamentos de especialistas, em: *a*) necessidade de garantir a reprodução das relações de produção colonias e *b*) povoar amazônia para conter as ambições expansionistas estrangeiras, cumpre-nos aludir o seguinte: “os índios; brancos e negros, em busca de complementaridades, reinventaram suas tradições. A evolução histórica desta simbiose verifica-se através: do câmbio de palavras *banto*, *sudanesas* e indígenas no português amazônico; da religiosidade; das festas folclóricas; melodias, danças/coreografias e Quilombos – a recriação da(s) África(s) no Brasil.

Sabe-se, contudo, que essa complementaridade histórica entre Amazônia(s) e a(s) África(s) foi ao longo do tempo silenciada, tanto pela elite racista brasileira, quanto por acadêmicos ávidos em reprodução da ideologia eurocêntrica. Deste modo, a **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos** avançando na contracorrente da subalternização das interseções entre Amazônia(s) e África(s), com o presente dossiê temático **Amazônia(s) e África(s): conexões políticas, econômicas e socioculturais**, busca promover debates científicos sobre saberes e práticas entre populações do Estado do Amazônia no Brasil e povos do continente africano. Este dossiê, ao propor estimular trânsitos de pensamentos e experiências, prevê contribuir na “reconstrução da identidade da qual parte dos povos africanos e afrodescendentes se tornaram alienados” (Ki-Zerbo, 2009).

A pertinência de organização deste dossiê temático justifica-se, igualmente, pela necessidade de aproximação de povos marcados por História comum. A título de exemplo, no debate abolicionista, apesar de existir tendência de subestimar “múltiplas formas de resistência na África e nas Américas” (M’bokolo, 2011), pesquisas recentes evidenciam que, quer os afrodescendentes, quer povos africanos impelidos ao tráfico negreiro, conquistaram sua liberdade “não como produto que se dá, mas tratou-se de troféu de lutas e sacrifícios que não cessaram [...]” (Nkrumah, 1965). Assim, o presente dossiê enquadra-se na movimentação do campo destas lutas, da Frente dos Direitos Humanos, para a Frente acadêmica, em que a História deve ser compreendida como produto da humanidade e não o privilégio de alguns grupos sociais. Por conseguinte, a **Somanlu** ao publicar este dossiê reforça a sua nobre missão de pesquisa-extensão.

Desta forma apresentamos o dossiê temático **Amazônia(s) e África(s): conexões políticas, econômicas e socioculturais** que reúne nove (9) trabalhos – selecionados a partir de todas as submissões para a revista – considerados representativos para o objetivo central do dossiê. Dentre vários aspectos incluídos na seleção dos artigos finais, cumpre-nos destacar, a par da erudição de conteúdo e técnico-metodológica a representatividade geográfica e a questão do gênero. A seguir passamos a apresentar os artigos selecionados, cuja sequência foi determinada em função das temáticas. O objetivo desta apresentação prende-se a necessidade de despertar interesse dos leitores para lerem na íntegra os artigos identificados como potenciais para engrandecer seus conhecimentos.

Para abrir o dossiê temático selecionamos o artigo **Ressignificação linguística de Moçambique: entre língua, cultura e oratura Nyungwe** da autoria de **Sóstenes Valente Rêgo**, em que discute profundamente a língua como elemento essencial para o entendimento da cultura *Nyungwe*, em Moçambique. A análise parte das influências da língua portuguesa durante o período colonial, para confluir no período pós-independência, apresentando os projetos sociopolíticos de assinalação; correção e resignificação linguística, como necessários para consolidação da cultura *Nyungwe*. A partir da sua própria experiência em pesquisa sobre linguística, defende a reafrikanização da língua *Nyungwe* para a preservação da identidade cultural, o que pode impactar no desenvolvimento endógeno da comunidade *Nyungwe*, em Tete.

Em **O Koumpo: um personagem mítico na imaginação cultural de Ziguinchor na confluência do profano e do sagrado**, autores **Eugène Tavares e Horace Dacosta** convidam a nossa abstração acadêmica a transitar a região da África Ocidental, concretamente o Senegal para através da máscara denominada *Koumpo*, debaterem aspectos culturais Ziguinchor. Como ocorre em várias regiões, a *Koumpo* é personagem místico, mítico, sagrado e secular, por isso acredita-se que acompanha todos eventos da vida do povo Ziguinchor, desempenhando papel ativo na educação dos jovens. A indagação torna-se instigante ao percebermos que a máscara *Koumpo* obedece à complexos rituais pelo que, os segredos residem no Conselho de anciãos. A existência de vários matos sagrados de *Koumpo*, em Ziguinchor/Senegal demonstra a reinvenção e resignificação de hábitos e costumes considerados tradicionais.

Na sequência, cumpre-nos apresentar o trabalho intitulado **Apaziguar os espíritos, iluminar visões e autodefesa: gramáticas sociais das capulanas dos Tinyanga na Cidade de Maputo**, pertencente aos autores **Maria Henrique Fernando e Aurélio Miambo**, que debruçam sobre gramáticas sociais ligadas às capulanas dos *Tinyanga* – pode ler-se curandeiros/médicos tradicionais. A partir de combinação de métodos Quali-Quantitativos demonstravam que as capulanas marcam o quotidiano dos *Tinyanga*, em duas principais dimensões, designadamente: a) indumentária e b) instrumento de trabalho. Na primeira dimensão, as capulanas parecem-nos ganharem valor de utilidade civil, enquanto que na segunda, buscam representar alguns códigos comunicativos que admitem ajudar a serenar espíritos, iluminar visões e autodefesa. Portanto, nesta dimensão, os autores captam o valor simbólico das capulanas, cujo enquadramento é, exclusivamente, profissional.

Na mesma perspectiva analítica, mas em espaço geográfico diferente, **Alberto Augusto Rofasse Madinho**, apresenta o trabalho com o título **Práticas costumeiras locais de conservação do património biocultural em Moçambique: a floresta sagrada de Save**, que centra a discussão nas práticas costumeiras de conservação da Floresta sagrada como categoria do património natural, em constante interação com *Khu-phalha* – enquadrada nas cerimónias consideradas mágico-religiosas –, e mitos, como categorias do património cultural intangível. Com base na metodologia de História oral, o autor apresenta argumentos segundo os quais, as práticas de *Khu-phalha* atribuem valor simbólico à Floresta Sagrada de Save ligado à sacralidade do local, o que justifica a conservação do ecossistema e, por conseguinte, a combinação do património natural e do património cultural.

Igualmente, a partir de Moçambique, **Bernardino Cordeiro Feliciano** e **Eunísio Do Clério José Nhapossa** contribuíram com o artigo intitulado **A memória do tráfico negreiro em Moçambique: análise a partir do currículo local na Escola Primária 7 de abril da Cidade de Inhambane**, em que ao denunciarem a Educação Colonial por ter combatido todos os saberes locais, por considerar tradicionais e, portanto, atrasados, quer criticam a educação pós-independência que na década de 1980, manteve subtendidos todos saberes locais nos currículos, quer apresentam e questionam a ambiguidade metodológica que caracteriza a introdução, na década de 2000, dos saberes locais, com a designação de Currículo local. A tal ambiguidade foi atesta através da pesquisa de campo na Escola Primária 7 de abril da Cidade de Inhambane, com a identificação da unidade temática sobre o Tráfico de escravizados. As pesquisas realizadas constataram que, os professores não realizam as Visitas de estudo ao antigo porto de tráfico negreiro, que se localiza nas proximidades da escola.

O pesquisador **Diego Pereira Santos**, através do trabalho que nos remete aos meados do século XVIII, com o título **O comércio de escravizados para o Grão-Pará nas correspondências dos governadores durante o monopólio comercial (1757-1778)**, expõe com fôlego uma revisão de fontes documentais, demonstrando o rigor científico na reconstrução histórica. Com devida cautela e prudência analítica, o autor retoma o debate de alguns conceitos, como “trânsito de escravizados” propondo o esboço de novas perspectivas sobre a presença dos escravizados e seus agentes na administração da Companhia; os mestres ou capitães e proprietários de tumbeiros. Embora concentre a análise temática no período do Governo José I, o autor conseguiu contemplar parte das políticas sobre o comércio do ministério pombalino.

Sob ponto de vista metodológico similar ao anterior trabalho, baseado na revisão bibliográfica, os autores **Adelci Silva dos Santos**, **Vaniele Barreiros** e **José Pascoal Mantovani**, contribuíram com o artigo **Torto arado e a reconfiguração colonial: desdobramentos na construção das relações de gênero e social**. Abordam o impacto colonial na construção identitária e de gênero, a partir de relatos “em ser mulher” descritas na obra intitulada *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior, publicada em 2019. Através destes relatos analisam cuidadosamente a arte, em especial a literatura na explicitação de contatos problemáticos que marcaram as relações entre as mulheres, os homens e a sociedade considerada. Teoricamente, discutem com profundidade as tensas relações entre Filosofia, Literatura e Gênero em

várias perspectivas com destaque para controversas referentes a negritude e percepção do corpo feminino.

O seguinte artigo cujo título remete-nos a afirmação: **Tem terreiro na floresta: (re)conexões entre Amazônias e Áfricas por meio do *ylê asé oba amacú*** de coautoria de **Antônio Lago da Silva Júnior** e **Adan Renê Pereira da Silva**, resulta de vivência na festa dos *erês* e *ibejis* realizada no terreiro Ylê Asé Oba Amacú em outubro de 2024, na cidade de Manaus, em Amazonas. Através de aporte teórico enquadrado na perspectiva decolonial, os autores expõem e percorrem com detalhe a importância de se visibilizar os saberes ancestrais como as experiências do sagrado e da considerada pedagogia tradicional afro-brasileira. Defendem que parte destas experiências podem ser observadas no terreiro durante a celebração em louvor a *erês* e *ibejis*. Justamente a partir destas celebrações em Manaus, descrevem o lugar de destaque sociocultural de *babalorixás* e *ialorixás* que conduzem a ritualística.

Para terminar, o presente Dossiê apresenta a entrevista de autoria da **Amanda Cardoso da Silva**, **Ozaias da Silva Rodrigues** e **Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares**, que técnica e metodologicamente enquadra-se na Etnografia suportada pela História oral. A partir do título **A liderança feminina no Quilombo do Abacatal na Cidade de Ananindeua/PA: história e (sobre)vivência na pandemia da Covid-19**, o artigo dialoga com lideranças femininas do Quilombo do Abacatal, em Ananindeua, na região metropolitana de Belém/PA. A entrevista faz parte do projeto denominado “Extensão pandemias na Amazônia: produção e divulgação de conhecimento científico”, do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Com suporte técnico-metodológico da Etnografia, os pesquisadores conversaram com a liderança identificada por Amanda Cardoso – agente comunitária de saúde da comunidade. A entrevista foi selecionada para a publicação devido a sua riqueza narrativa sobre temáticas como (r)existência Quilombola; relação de gênero e sobrevivência durante, e no imediato pós-Covid-19.

Bem-vindo ao presente Dossiê temático e desejamos a todos/as ótima leitura.

Referências:

- KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra**. Lisboa: Publicações Europa-América, 2009.
- M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: história e civilizações**. São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.
- MANDELA, Nelson. **Longo caminho para a liberdade: autobiografia**. Porto: Campo das Letras, 1995.
- NKRUMAH, Kwame. **Neocolonialismo: último estágio do imperialismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.